

**Eduardo Ritter**

Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande  
do Sul (PUCRS)  
E-mail: [rittergaucho@  
hotmail.com](mailto:rittergaucho@hotmail.com)

**Resenha**

## **Internet e rua: a mobilização social na sociedade em rede**



MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278p.

Sem brincar de ser vidente, Fábio Malini e Henrique Antoun acertaram na mosca o que estava por vir. A obra, escrita em 2013, só inclui os protestos de junho no prefácio, escrito por Ivana Bentes, pelo simples motivo de que a pesquisa foi finalizada antes da maior mobilização popular registrada no Brasil nos últimos anos. No entanto, a impressão que se tem ao ler o livro é de que os autores estão preparando o campo para justificar o que aconteceu em solo brasileiro durante a Copa das Confederações. Assim o texto flui, sem ficar tentando adivinhar o que vai acontecer daqui a vinte, cinquenta ou cem anos e sem cair na armadilha de querer teorizar modismos passageiros – o que torna muitas análises perecíveis demais. Malini e Antoun captaram o que está no ar e fizeram uma leitura histórica, sociológica e filosófica do contexto contemporâneo, relacionando o que acontece na web com as diversas manifestações sociais que estão ocorrendo no mundo, sempre relacionadas com a atividade desenvolvida na internet.

A defesa é de que as disputas e guerras continuam acontecendo no mundo físico, mas que o virtual não só potencializa essas disputas, mas também cria

novos conflitos e confrontos entre internautas, instituições e Estados. E, nesses confrontos, ao contrário do que acontecia séculos atrás – em que o perseguido era um contra um exército –, agora o cidadão encontra-se, muitas vezes, em uma situação até de vantagem em relação aos detentores do poder oficial. Assim, *hackers* derrubam *sites* governamentais, vazam informações confidenciais, fazem terrorismo digital. Brincam e dão risada de um sistema arcaico e ultrapassado, que insiste em não acordar para o mundo real (ou seria virtual?). Dessa forma, com uma leitura crítica dos acontecimentos, sem a inocência dos deslumbrados pelas tecnologias, mas também sem o cinismo de quem as ignora, Malini e Aunton apresentam um trabalho coerente com um texto que prende o leitor – seja ele um especialista das tecnologias, um leigo aventureiro ou um integrante da geração “nem nem”, citada na obra, que passa o dia na internet: nem trabalha, nem estuda.

Outro mérito dos autores foi contextualizar o que vinha sendo feito décadas atrás e que já dava indícios do que viria anos depois. Falando sobre a história do protocolo internet, logo nas primeiras páginas, eles já destacam que o que estava por vir seria um “dispositivo de conversação e relações sociais comunitárias, onde cada um tem sua própria voz, sem precisar passar pela intermediação de instituições e discursos oficiais ou comerciais” (p. 18). A partir de então, eles fazem um resgate das primeiras ações adotadas na rede no sentido de demonstrar diversas insatisfações. São *hackers* que criam ferramentas para garantir o anonimato para fazer o que a mídia convencional vai chamar de pirataria; são pessoas insatisfeitas unindo-se por meio de pequenas multidões *online* para

agendar manifestações nas ruas para questionar (ou até derrubar) governos; são milhões de pessoas insatisfeitas com o sistema político contemporâneo (que, afinal, foi o principal motivo dos protestos brasileiros); são outros *hackers* que manipulam votações de programas televisivos para, em uma linguagem própria, dizerem que não estão satisfeitos com o que estão vendo; são blogueiros de rua mostrando o que está acontecendo na parte de dentro das manifestações, enquanto os jornalistas de grandes conglomerados limitam-se a acompanhar tudo de fora, muitas vezes ficando apenas com as versões oficiais ou da polícia etc. Tudo isso e muito mais está no livro *@internet e #rua*. E exemplos não faltam.

A reconstituição das mobilizações é feita de tal forma que, quem lê o livro parece ver uma análise perfeita do que aconteceu nos protestos de junho de 2013 no Brasil. Tanto quando falam sobre a Batalha de Seattle, em que manifestantes do mundo inteiro foram convocados a participar dos protestos que ocorriam durante reunião da Organização Mundial do Comércio, e que foram ignorados por um bom tempo pela mídia tradicional – afinal, o jornalismo dos protestantes estava sendo muito mais produtivo do que o das grandes empresas de comunicação – quanto quando abordam eventos de reações populares, por meio da internet, no Egito, no Irã ou na Espanha, os autores conseguem explorar as características em comum de cada evento, como a ausência de um líder centralizador e o caráter viral das postagens em redes como Twitter, Facebook e YouTube. Também não faltam análises baseadas em grandes pensadores da humanidade, como Foucault, Deleuze e Guattari, Guy Debord e outros. O resultado disso tudo são

ótimas sentenças que descrevem muito bem o que está acontecendo nessa transformação do espaço público com as novas tecnologias (que estão ficando cada vez mais velhas). São chutes que pegam na veia, tais como: “Só o oficialismo disciplina as mentes nos canais de tevê públicos e privados. O efeito colateral será a transformação da internet em refúgio da liberdade” (p. 186) ou “A internet é, antes de tudo, uma mídia de vazamento” (p. 194). Sobre a segunda frase, aliás, a ideia é muito bem trabalhada, inclusive quando os autores afirmam que, quanto mais se tenta apagar uma informação ou mensagem mais ela se espalha pela rede, como se fosse um vírus que se multiplica como reação ao medicamento que estão fazendo o paciente ingerir.

Dentre as análises feitas, uma que se destacou foi sobre a mobilização do #15 M, espanhol, na qual os autores abordam a função do blogueiro de rua, que cobre o que está acontecendo estando conectado com Internet 3G e *wireless*. Com uma linguagem que se aproxima de uma grande (e boa) reportagem, Malini e Autoun nos fazem sentir como se estivéssemos nos protestos espanhóis. Aliás, é nessa análise que eles identificam uma das características presentes em praticamente todos os movimentos sociais contemporâneos: “a crítica à imprensa tradicional por difundir informações enviesadas, em sua maioria criminalizantes, sobre as manifestações contra o *establishment*” (p. 228) – situação essa em que jornalistas e especialistas tacham, precipitadamente, todos os protestantes de baderneiros ou desordeiros, reduzindo a importância dos acontecimentos a uma versão oficial. E isso ocorreu tanto na Espanha quanto nos Estados Unidos quanto no Irã quanto na Ucrânia quanto no Brasil.

Por fim, na última parte do livro é feita a análise de dois casos brasileiros da relação entre internet e mobilização social. O primeiro aconteceu em Vitória (ES), em 2011, antecipando o que aconteceria dois anos depois em todo o Brasil. Foram protestos que começaram com o pedido de passe livre e que terminaram por transformar-se em uma manifestação a favor do passe livre e contra a violência policial. Já a segunda é sobre um garoto do jornal *Voz da Comunidade*, do Rio de Janeiro, que transmitiu de dentro da favela as denúncias sobre a dilapidação dos moradores pelos policiais cariocas. Assim, em pouco tempo, o rapaz de 17 anos atingiu mais de 30 mil acompanhantes em tempo real em um curtíssimo espaço de tempo. Fatos como esse também são um indicativo de que, ano após ano, o jornalismo tradicional das grandes corporações vai tendo sua credibilidade abalada – ou no mínimo questionada –, com cada vez mais pessoas utilizando diversas fontes e tendo acesso a outros pontos de vista sobre o acontecimento, além de elas mesmas se tornarem fontes, divulgando informações, pontos de vista e mobilizando os nós que estão em seu campo de visão *online*. Ou, como muito bem concluíram os autores:

As narrativas na internet fazem parte de um movimento social que recusa a hierarquização de representantes e representados. Recusa a naturalização do funcionamento do poder. Recusa deixar para a mídia tradicional o poder de dizer o que pertence ou não ao acontecimento. (p.249)

Com certeza, essa é uma revolução. Uma revolução que já não é mais tão nova, como muito bem mostraram Malini e Antoun. No entanto, é uma revolução que ainda está só começando.